

O ANGLO RESOLVE

É trabalho pioneiro.

Prestação de serviços com tradição de confiabilidade.

Construtivo, procura colaborar com as Bancas Examinadoras em sua tarefa árdua de não cometer injustiças.

Didático, mais do que um simples gabarito, auxilia o estudante em seu processo de aprendizagem.

AS PROVAS DA UNESP 2002

A Universidade Estadual Paulista — Unesp — tem como principal característica o fato de suas unidades estarem disseminadas em várias cidades do estado de São Paulo: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto e São Paulo.

Seu vestibular é realizado pela Fundação Vunesp, em uma única fase.

São 3 provas (cada uma valendo 100 pontos), a serem realizadas em até 4 horas, em dias consecutivos, assim constituídas:

1º dia: Prova de Conhecimentos Gerais (peso 1), comum para todas as áreas, com 84 testes de múltipla escolha divididos igualmente entre Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia, História e Língua Estrangeira (Inglês ou Francês).

2º dia: Prova de Conhecimentos Específicos (peso 2), com 25 questões discursivas. As disciplinas que compõem essa prova variam conforme a área de opção:

Área de Ciências Biológicas — Biologia (10 questões), Química (6 questões), Física (5 questões) e Matemática (4 questões).

Área de Ciências Exatas — Matemática (10 questões), Física (9 questões) e Química (6 questões).

Área de Humanidades — História (10 questões), Geografia (9 questões) e Língua Portuguesa (6 questões).

3º dia: Prova de Língua Portuguesa (peso 2), comum para todas as áreas, constando de 10 questões discursivas e uma redação.

A nota final é a média ponderada das provas.

Observação: A Unesp utiliza a nota dos testes do ENEM, aplicando-a segundo esta fórmula: $\frac{4 \times CG + 1E}{5}$, onde CG é a nota da prova de Conhecimentos Gerais e E é a nota do ENEM.

Esse procedimento só é utilizado quando favorece o aluno.

Apresentamos, neste fascículo de **O Anglo Resolve**, a resolução comentada das questões. No final, a análise dos professores do Anglo Vestibulares.

Língua Portuguesa

INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **03** tomam por base as duas primeiras partes do conto **Jeca Tatu**, do escritor, editor e polemista José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), e um fragmento do poema **Juca Mulato**, do jornalista e poeta modernista Paulo Menotti del Picchia (1892-1988).

Jeca Tatu

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

— Que grandíssimo preguiçoso!

[...]

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

— Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

— Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?

— É que ele mata.

— E por que você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

— Quá! Não paga a pena...

— Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

(MONTEIRO LOBATO. *Jeca Tatu*. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. Vol 8. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951, p. 329-331.)

Juca Mulato

Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...

Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;

um cavalo pigarço; uma pinga da boa;

o cafezal verdoengo; o sol quente e inclemente...

05 *Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente,
o olhar indiferente,
da filha da patroa...*

10 *“Vamos, Juca Mulato, estás doido?” Entretanto,
tem a noite lunar arrepios de susto;
parece respirar a fronde de um arbusto,
o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.
O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...
“Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à toa,*



15 e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...
Olha a mata; lá está! o horizonte lho esboça;
pressente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça;
e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente,
esse olhar que passou, longínquo e indiferente!

20 Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.
Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce
e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos,
que a alma é como uma planta, os sonhos, como brotos,
vão rebentando nela e se abrindo em floradas...

25 Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas.

(MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. Poemas. 6ª edição.
São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954, p. 20-21.)

QUESTÃO 01

Os trechos transcritos de **Jeca Tatu** e **Juca Mulato** exploram gêneros e temas distintos, mas não deixam de apresentar algumas identidades. Depois de relê-los, buscando observar bem suas diferenças e semelhanças,

- Mencione um ponto de contato entre os dois trechos, no que diz respeito ao ambiente descrito;
- baseado no fato de que numa narrativa podem ser apresentados aspectos externos e aspectos internos do comportamento das personagens, estabeleça a diferença essencial que há entre os dois textos no modo de focalizar as personagens Jeca Tatu e Juca Mulato pelos respectivos narradores.

RESOLUÇÃO:

- O espaço referido nos textos de Monteiro Lobato e de Menotti del Picchia apresenta como elemento comum o ambiente rural marcado pela limitação de recursos. Jeca Tatu “morava no mato, numa casinha de sapé”. Sua morada não possuía “nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade”. Juca Mulato, quando pensa em sua vida, define-a como “um nada”: “Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada; / um cavalo pigarço; uma pinga da boa; / o cafezal verdoengo”.
- Embora o espaço, nos textos de Lobato e de del Picchia, apresente pontos de identidade, as personagens Jeca Tatu e Juca Mulato diferem no aspecto psicológico. O primeiro caracteriza-se por uma completa abulia, transparente em sua indolência. “Jeca não queria saber de nada”. Já Juca Mulato experimenta um intenso conflito interior, originário do desejo amoroso: o “olhar indiferente, / da filha da patroa”, que, numa noite, pareceu a ele “mais quente”, leva-o a transfigurar sentimentalmente a paisagem (“Volve aos céus as pupilas, à toa, / e vê, na lua, o olhar da filha da patroa”) e a viver uma veemente aflição (“e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia”).

QUESTÃO 02

Com um discurso narrativo simples e objetivo, o narrador de **Jeca Tatu** nos fornece, no trecho citado, um retrato bem definido da situação vivida pela personagem em seu meio. Releia atentamente o trecho e, a seguir,

- levando em consideração as informações do narrador, avalie a atuação de Jeca Tatu como proprietário rural;
- indique dois adjetivos empregados no texto que sintetizam a opinião que as outras pessoas tinham sobre Jeca Tatu.

RESOLUÇÃO:

- Jeca Tatu é um proprietário rural que sobrevive do extrativismo, isto é, que tem na caça e na coleta sua única fonte de alimento. Como ele não desenvolve nenhum cultivo ou criação, pode-se dizer que ele não atua sobre o ambiente de maneira produtiva, pois não se empenha na sua transformação.
- São três os adjetivos que manifestam juízos de valor das “outras pessoas” sobre Jeca Tatu: “preguiçoso”, “bêbado” e “idiota”.

QUESTÃO 03

Os escritores se valem, com frequência, do recurso de atribuir características de seres animados a elementos do meio-ambiente. Após verificar a ocorrência desse recurso no trecho de **Juca Mulato**,

- cite uma seqüência de versos do poema em que elementos do ambiente parecem assumir características de seres animados;
- estabeleça a relação existente entre as características do ambiente assim descrito e o estado de espírito da personagem Juca Mulato.



RESOLUÇÃO:

- a) A seqüência de versos de “Juca Mulato” em que elementos do ambiente assumem características de seres animados é:

“tem a noite lunar arrepios de susto;
parece respirar a fronde de um arbusto,
o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.
o ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...”

É bom lembrar que a figura de linguagem que atribui características de seres animados a elementos do meio ambiente é a **prosopopéia**.

- b) O ambiente descrito reproduz o estado de espírito de Juca Mulato, que se projeta sobre a natureza que o cerca. Apaixonado, ele imagina que a lua tem arrepios e que a água é metáfora do seu pranto. O ambiente mimetiza, portanto, o encanto de Juca pela filha da patroa.

*INSTRUÇÃO: As questões de números 04 a 07 se baseiam em um fragmento do **Sermão do Mandato**, do orador barroco Antônio Vieira (1608-1697), e num trecho do poema **Feliza**, do poeta neoclássico Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805).*

Sermão do Mandato

Começando pelo amor. O amor essencialmente é união, e naturalmente a busca: para ali pesa, para ali caminha, e só ali pára. Tudo são palavras de Platão, e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor é unir; como pode ser efeito do amor o apartar? Assim é, quando o amor não é extremado e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem efeitos contrários. A dor faz gritar; mas se é excessiva, faz emudecer: a luz faz ver; mas se é excessiva, cega: a alegria alenta e vivifica; mas se é excessiva, mata. Assim o amor: naturalmente une; mas se é excessivo, divide: Fortis est ut mors dilectio: o amor; diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sábio? Como a vida, dissera eu. O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir; e o efeito da morte é separar; como pode ser o amor semelhante à morte? O mesmo Salomão se explicou. Não fala Salomão de qualquer amor; senão do amor forte? Fortis est ut mors dilectio: e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo, produz efeitos contrários. É união, e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar; e sabe-se desatar como Sansão: afetuoso, deixa-se atar; forte, rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso; mas umas vezes é amoroso e unitivo, outras vezes amoroso e forte. Enquanto amoroso e unitivo, ajunta os extremos mais distantes: enquanto amoroso e forte, divide os extremos mais unidos.

(ANTÔNIO VIEIRA. Sermão do Mandato. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 165-166.)

Feliza

*Chamam-te gosto, Amor; chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflama;
Dizem que és dos mortais suave abrigo;
Que enjoa, e pesa a vida a quem não ama:
05 Mas com dura experiência eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor; tu és tormento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.*

*Feliza de Sileu! Quem tal pensara
10 Daquela, entre as pastoras mais formosa
Que a vermelha papoila entre a seara,
Que entre as boninas a corada rosa!
Feliza por Sileu me desampara!
Oh céus! Um monstro seus carinhos goza;
15 Ansia cruel me esfalfa o sofrimento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.*

*Ingrata, que prestígio te alucina?
Que mágica ilusão te está cegando?
Que fado inevitável te domina,*



20 *Teu luminoso espírito apagando?
O vil Sileu não põe na sanfonina
Jeitosa mão, nem pinta em verso brando
Ondadas tranças, que bafeja o vento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.*

(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du.
Obras de Bocage. Porto: Lello & Irmão, 1968, p. 685-686.)

QUESTÃO 04

Os trechos transcritos do sermão de Vieira e do poema de Bocage apresentam traços peculiares de seus respectivos estilos de época, o barroco e o neoclássico. Verifique, numa leitura atenta, esses traços e, a seguir;

- Mencione e explique uma característica do estilo barroco que Vieira explora com insistência no seguinte trecho: “O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte?”;
- aponte um aspecto da segunda estrofe do poema de Bocage típico da poética neoclássica.

RESOLUÇÃO:

- Vieira explora, no trecho transcrito, a oposição entre idéias e conceitos: amor e morte, união e separação. O **procedimento antitético** é característico do estilo barroco. No entanto, ao elaborar essas oposições, o prosador seiscentista busca, no final do parágrafo, uma possível semelhança entre o amor e a morte (“como pode ser o amor semelhante à morte?”). Tal procedimento constitui-se numa **agudeza conceitual** que também é marca do Barroco.
- Na segunda estrofe do poema de Bocage, a figura feminina é apresentada como a mais bela das pastoras (“entre as pastoras mais formosa”) e sua formosura é superior à das flores (“Que a vermelha papoila entre a seara, / Que entre as boninas a corada rosa!”). O **ambiente pastoril e bucólico** configurado por esses elementos é traço marcante da poética neoclássica.

QUESTÃO 05

Vieira, em seu sermão, afirma que uma mesma causa pode produzir efeitos contrários, conforme a presença ou não de determinado fator. Com base nessa constatação,

- determine o fator que, segundo afirma Vieira, é responsável por fazer com que uma mesma causa produza efeitos contrários;
- indique o fenômeno físico que Vieira apresenta como uma das provas do que afirma.

RESOLUÇÃO:

- Segundo Vieira, “As causas excessivamente intensas produzem efeitos contrários”, ou seja, os excessos, os exageros, os extremos é que são responsáveis por fazer com que uma mesma causa produza efeitos contrários. É isso que ocorre com “o amor: naturalmente une; mas se é excessivo, divide”.
- Para justificar que os excessos “produzem efeitos contrários”, Vieira cita fenômenos da natureza física, entre eles o efeito paradoxal da luz: “a luz faz ver; mas se é excessiva, cega”.

QUESTÃO 06

No seu poema, diferentemente de Vieira, Bocage focaliza o amor de um modo prático, pondo o eu-poemático a queixar-se da atitude de Feliza. Essa queixa, porém, parece confirmar o que disse Vieira sobre o amor. Releia a primeira estrofe do poema de Bocage e, em seguida,

- explique em que medida as palavras dessa estrofe parecem confirmar o argumento de Vieira;
- cite o verso que contém a justificativa dada pelo eu-poemático para fazer tal colocação sobre os efeitos do amor.

RESOLUÇÃO:

- Embora o eu-poemático reconheça que o amor é considerado, convencionalmente, “amigo da Natureza” e “dos mortais suave abrigo”, ele discorda dessa idéia, considerando-a “falsa opinião”, pois crê que o amor é menos gosto que tormento. Desse modo, a primeira estrofe do poema de Bocage confirma a existência das duas modalidades de amor citadas por Vieira: o “amoroso e intuitivo” e o “amoroso e forte”.
- “Mas com dura exp’riência eu contradigo”

QUESTÃO 07

O caráter polissêmico que comumente apresentam as palavras da língua permite que, com o emprego de uma mesma palavra em contextos distintos, possamos acionar diferentes significados. Muitas vezes, a produção de significados novos ocorre em função do emprego metafórico ou também metonímico das palavras. Nos trechos de Vieira e de Bocage, encontramos alguns exemplos disso. Releia-os atentamente e, a seguir;



- a) explique o significado que, pelo emprego metafórico, assume a forma verbal “pinta” no poema de Bocage;
- b) reescreva a frase “É união, e produz apartamentos”, substituindo a última palavra por outra de sentido equivalente e apropriado ao contexto do sermão de Vieira.

RESOLUÇÃO:

- a) A relação entre o pintar e o escrever é um lugar comum da poesia clássica antiga greco-romana, como atestam estes exemplos: de Horácio, “A poesia é como a pintura”; de Simônides de Céos, “a poesia é a pintura que fala e a pintura, a poesia muda”. Bocage, autor árcade, repropõe o lugar comum, produzindo a metáfora “pinta em verso brando”.
- b) O significado de “apartamentos” nesse contexto deve ser considerado a partir da origem do termo — o verbo apartar, cujo substantivo cognato mais comum modernamente é **apartação**. Contudo, é mais usado o sinônimo **separação**, podendo-se reescrever a frase em questão da seguinte forma: **É união, e produz separações**.

*INSTRUÇÃO: As questões de números 08 a 10 tomam por base um poema do clássico português Luís Vaz de Camões (1524?-1580) e a letra do foxtrote **Você só... mente**, escrita pelo músico brasileiro Noel de Medeiros Rosa (1910-1937).*

Trovas

a uma dama que lhe jurara
sempre por seus olhos.

*Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
05 pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
10 não crer tão grão juramento.*

*Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
15 tanto mais cuidado que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
20 a jurar falso por eles.*

*(CAMÕES, Luís de. Lírica. Belo Horizonte: Editora Itatiaia;
São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)*

Você só... mente

*Não espero mais você,
Pois você não aparece.
Creio que você se esquece
Das promessas que me faz...
05 E depois vem dar desculpas
Inocentes e banais.
É porque você bem sabe
Que em você desculpo
Muita coisa mais...*



- 10 O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
- 15 Eu gosto imensamente de você.

*E invariavelmente,
Sem ter o menor motivo,
Em um tom de voz altivo,
Você, quando fala, mente*

20 *Mesmo involuntariamente.
Faço cara de contente,
Pois sua maior mentira
É dizer à gente
Que você não mente.*

- 25 O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
- 30 Eu gosto imensamente de você.

(In: Noel pela primeira vez. Coleção organizada por Miguel Jubran.
São Paulo: MEC/FUNARTE/VELAS, 2000, Vol. 4, CD 7, faixa 01.)

QUESTÃO 08

A “mentira” constitui um dos temas mais recorrentes nos poemas de amor de todos os tempos, variando porém o modo como os poetas a focalizam, negando-a, rejeitando-a ou aceitando-a “em nome do amor”. Em **Trovas** e em **Você só... mente** é abordado o tema da “mentira no amor”. Depois de observar o desenvolvimento desse tema em ambos os poemas,

- a) apresente a justificativa lógica da conclusão a que chega o eu-poemático nos últimos cinco versos do poema de Camões;
- b) demonstre o caráter irônico do emprego do vocábulo “inocentes” no sexto verso da letra de Noel Rosa.

RESOLUÇÃO:

- a) O eu lírico constata que a amada mente com frequência. Para obter crédito, ela jura por seus próprios olhos que as mentiras são verdades. Acontece que esses olhos são a razão do contentamento do eu lírico: para evitar que a amada cometa o “agravo” (ofensa) de jurar em falso por eles, ele decide acreditar nas mentiras.
- b) Ironia é a figura que consiste em dizer algo sugerindo o oposto. Isso é o que ocorre quando o eu lírico atribui inocência às desculpas do interlocutor. Este, na verdade, é um mentiroso contumaz; mas mentiras não podem ser tidas como inocentes, pois ele “bem sabe” que será desculpado.

QUESTÃO 09

Os homônimos homófonos e homógrafos, ou seja, vocábulos que apresentam a mesma pronúncia e a mesma grafia, são comuns na Língua Portuguesa. No verso “pelos seus olhos mo jura”, o vocábulo jura é um verbo empregado como núcleo do predicado verbal; mas podemos construir a frase “Ele quebrou sua jura e foi para longe” em que o homônimo jura é empregado como substantivo em função de núcleo do objeto direto. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, em seguida,

- a) estabeleça a classe de palavra a que pertence “grão”, no décimo verso do poema de Camões e escreva uma frase em que apareça um homônimo homófono e homógrafo dessa palavra;
- b) aponte o efeito expressivo, relacionado com o tema e com a rima, que o emprego de advérbios como somente, inconscientemente, etc., produz na letra de Noel Rosa.

RESOLUÇÃO:

- a) Em “não crer tão *grão* juramento”, a palavra *grão* pertence à classe dos adjetivos. Nesse contexto, está qualificando o substantivo “juramento” e significa **grande**.
Em “De *grão* em *grão* a galinha enche o papo”, **grão** é, nas duas ocorrências, um substantivo: é, pois, um homônimo homófono e homógrafo do adjetivo “grão” que aparece no poema de Camões.
- b) Do ponto de vista sonoro (fônico), o próprio título instaura uma ambigüidade, representada graficamente pela reticência: “Você só... mente” (**só mente ou somente?**).



A reiteração das palavras com a terminação *-mente* concorre não apenas para a satisfação das exigências de rima (inclusive interna), mas também para o efeito de **eco**, disseminando traços de significado do próprio título ao longo do poema e desdobrando a ambigüidade do amor que teima em conviver com a mentira.

QUESTÃO 10

*Além do eu-poemático, que se revela formalmente pelo emprego do pronome pessoal do caso reto “eu” e correspondentes pronomes oblíquos, como também pelas flexões verbais de primeira pessoa do singular, surge em **Trovas** e em **Você só... mente** outra personagem: a pessoa amada. Depois de observar atentamente as marcas da presença desta personagem nos dois textos,*

- a) *demonstre, com base em exemplos, como a pessoa amada se revela formalmente em **Trovas**;*
- b) *explique por que razão não se pode determinar o sexo da pessoa amada em **Você só... mente**.*

RESOLUÇÃO:

- a) A primeira manifestação formal da pessoa amada no poema “Trovas” ocorre já em sua epígrafe: “A uma dama que lhe jurara sempre por seus olhos”. Há outras formas femininas que se referem à dama, tais como: “a minha bela perjura” (verso 2); “ela” (verso 14). Uma vez identificado como entidade feminina, o sujeito das formas verbais “jura” e “mente” é também indicador da presença da amada no texto.

No verso 19, “só pela não constranger” equivale a “só por não a constranger”, em que o pronome átono “a” se refere à dama a que é dedicado o poema.

- b) Na canção de Noel Rosa o eu-poemático se dirige à pessoa amada usando a forma de tratamento “você”, que se aplica indiferentemente a homens e mulheres. Chama-a também de “ente”, substantivo masculino sobrecomum, que pode designar indivíduos do sexo feminino e masculino.



Redação

Leia os cinco textos seguintes.

A mentira corre, mas a verdade a apanha.

(Provérbio.)

O pão da mentira é gostoso ao homem; porém depois a sua boca será cheia de areia.

(Bíblia Sagrada, *Provérbios*, XX, 17.)

Porque a fraude consiste em mentir e dissimular, segundo a definição de Aquiles, que sejam banidas a fraude e a mentira de todas as transações.

(CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Tradução de João Mendes Neto. São Paulo: Saraiva, 1965, p. 155.)

Nunca faltaram a um príncipe pretextos legítimos para justificar a sua falta de palavra, e seriam infinitos os exemplos, do tempo presente, demonstrativos de quantas pazes, quantas promessas, foram feitas em vão e reduzidas a nada pela infidelidade dos príncipes, e demonstrativos também de que as coisas correram melhor aos que melhor souberam representar o papel de raposa. Mas é indispensável saber ocultar este pendor, disfarçá-lo bem. Os homens são tão simples e tão obedientes às necessidades do momento, que quem engana encontra sempre quem se deixe enganar.

(MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972, p. 94.)

Desde Maquiavel, a mentira é um instrumento usual na política para persuadir aliados e eleitores ou para esconder atos ilícitos. Pode vir em forma de omissão ou de uma retórica capaz de direcionar a percepção da opinião pública. Todos falam com muita convicção, como se fosse a mais pura verdade. E às vezes acabam convencendo. Em 1990, às vésperas do confisco das poupanças, a então ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, ainda amenizava: “Não vamos mexer na poupança”.

Quando a corrupção fica evidente, vale tudo para salvar a própria pele. Até mesmo contar mentiras descaradas, como a do então deputado João Alves, que, para justificar os altos rendimentos, disse na CPI do Orçamento, em 1993: “Deus me ajudou e eu ganhei dinheiro. Acertei 24 vezes na loteria.” Negar tudo, por mais que as provas digam o contrário, também é uma estratégia bastante usual. Em 1999, em plena crise de desvalorização cambial, o então presidente do Banco Central, Francisco Lopes, usou sua influência para prestar socorro ao Banco Marka, de Salvatore Cacciola. A gentileza causou um rombo de US\$1,1 bilhão aos cofres do BC. Questionado, desconversou: “Cacciola pode até ter me procurado, mas nunca falei com ele. Nunca o vi.”

Depois que a confusão está armada, o jeito é apelar. Pode ser montando um álibi, com agenda pessoal e cartas assinadas pelos amigos, como tentou o senador José Roberto Arruda. Descoberta a farsa, só resta admitir o erro. O pesquisador André Gellis, da Unesp, explica que a confissão é a mais cômoda expressão de culpa. “Com ela, o mentiroso procura lavar as mãos da responsabilidade do ato e de um pecado”, diz. Mas nem mesmo o mais emocionado pedido de clemência livra o mentiroso de seu pesado rótulo.

(Revista **ISTOÉ**, nº 1648, 2.5.2001, p. 31.)

Proposição

Como se observa nos textos apresentados, bem como nos que serviram de base para as questões 08, 09 e 10, a oposição entre verdade e mentira tem sido um dos temas mais discutidos em todos os tempos, e constitui uma das maiores preocupações da humanidade.

*Partindo da leitura dos textos e levando em consideração sua formação religiosa, familiar e escolar; bem como sua personalidade e suas projeções para a futura vida particular e profissional, faça uma redação de **gênero dissertativo** sobre o tema*

A VERDADE OU A MENTIRA: UMA QUESTÃO DE CONVENIÊNCIA?



Análise da prova

Todos os textos valorizam a verdade. O primeiro evoca um provérbio: “A mentira tem perna curta”. O segundo acrescenta as conseqüências danosas da mentira, apesar de seu sabor. O terceiro constitui um apelo que se transforma em dever de qualquer indivíduo para que a mentira e suas correlatas sejam banidas.

O quarto fragmento faz uma reflexão sobre a mentira relacionada ao poder: é da natureza do príncipe (do que ele representa) a mentira, o ardil, a dissimulação, de tal forma aliados e cúmplices que, em função das circunstâncias, passam por naturais, constituindo um par dialético: enganado e enganador se justificam.

O quinto fragmento, uma reportagem da revista *ISTOÉ*, parte da premissa de que a mentira, de acordo com Maquiavel, é o instrumento mais efetivo de persuasão. Leva-se em consideração, ainda, que uma mentira contada várias vezes adquire estatuto de verdade incontestável, o que nos remete às idéias de Goebbels (ministro da Propaganda e da Informação no governo de Hitler). Assim, a mentira e a omissão — colocadas no contexto como sinônimas — têm a função de ocultar da opinião pública os atos ilícitos cometidos por alguns. Para comprovar o caráter atemporal das afirmações de *O Príncipe*, são citados exemplos recentes de políticos brasileiros, como o confisco das poupanças, em 1990, enfaticamente negado pela então ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello; as mentiras pregadas por João Alves, na CPI do Orçamento, para justificar seu enriquecimento; a prestação de favores promovida por Francisco Lopes (na época presidente do Banco Central) ao Banco Marka; por fim, as artimanhas para despistar-se de acusações, como as protagonizadas por José Roberto Arruda. O argumento central é o de que a negação até a última instância é o recurso mais comumente empregado. Com o fracasso de tal instrumento, a confissão é a estratégia final. Toda confissão merece perdão, prega o senso comum, mas nem sempre isso se confirma.

Possível encaminhamento do texto

Sobre o tema — **A verdade ou a mentira: uma questão de conveniência?** —, o candidato poderia, levado pela coletânea, interpretar que a verdade sobrepõe-se à mentira em qualquer circunstância, ou que, apesar do apelo ético, o comportamento dissimulado parece gerar bons frutos para quem o assume; muitas vezes, o enganador é recompensado, pois a mentira é mais conveniente que a verdade. A partir dessas constatações, há, no mínimo, dois posicionamentos possíveis:

- 1º) o repúdio à inversão de valores caracterizada pela prática social da corrupção: o privilégio sacrificado em nome da ética;
- 2º) a defesa de uma nova moral que atribua valor positivo à dissimulação (os fins justificariam os meios): o discurso moldado pela conveniência, pessoal ou de grupos.

Para defender o ponto de vista adotado, algumas idéias poderiam ser transformadas em argumentos:

1. A mentira e a omissão são aliadas da corrupção, compondo o discurso correspondente às ações oportunistas.
2. As instituições responsáveis pela formação dos indivíduos — igreja, família, escola — condenam a mentira, a dissimulação. Os discursos que as fundamentam são pautados pela ética, que atribui valor positivo à verdade, à honestidade.
3. Atos comuns, presentes ou presentificados pela mídia no cotidiano do jovem, desrespeitam e afrontam esses valores.
4. A infidelidade, desde a “falta de palavra” até a negação de provas, tem acompanhado inúmeros escândalos de corrupção, constituindo “instrumento usual” do jogo político brasileiro e/ou mundial.
5. O mentiroso paga, no mínimo, com má fama o custo do engano.
6. A segurança do mentiroso reside em sua capacidade de arquitetar o ardil, de criar dissimulação.



Comentários

Língua Portuguesa e Literatura

O mínimo que se pode dizer desta prova é que apresenta características invulgares, tanto pela concepção de língua e literatura adotada quanto pelo rigor da aplicação desse conceito. Partilha da idéia de que o texto é um artefato verbal, produto de uma rede de relações que se estabelecem em seu interior e, ao mesmo tempo, parte de uma constelação de textos que o circundam. Cabe aos candidatos apreender e analisar tais relações — entre palavras, frases e imagens no texto; entre textos diferentes; entre os textos e a história literária. A partir dessa orientação, a Banca explora a capacidade de percepção do uso artístico da língua por meio da leitura atenta e proficiente, sempre fundada na hipótese relacional.

Embora trabalhoso, não foi prejudicado por complicações artificiosas: valoriza a experiência da leitura, entendida como operação que requer tanto sensibilidade como inteligência e cuja aferição fica garantida pela clareza e a univocidade dos enunciados e das propostas.

A escolha de textos não poderia ser melhor. Soube fugir do cânon consagrado pela tradição didática, sem desdenhar autores essenciais da literatura luso-brasileira, como Camões, Vieira, Bocage, Monteiro Lobato e Menotti del Picchia. De quebra, traz ainda uma letra de Noel Rosa, em contraponto com uma redondilha camoniana.

Por fim, uma nota dissonante: a exigüidade do tempo para a execução, que impede a discriminação entre os diferentes graus de preparo dos candidatos.

Redação

Tem sido marca da prova de Redação da Unesp colocar o candidato no centro da discussão de questões importantes e polêmicas, com um apelo direto, exemplo: “...levando em conta sua formação religiosa, familiar e escolar; bem como sua personalidade e suas projeções para a futura vida particular e profissional...”

Com esse expediente, valoriza o sujeito do discurso como aquele que é capaz, sobretudo, de refletir/opinar sobre temas inquietantes/instigantes que se tornaram raros nos debates diários dos “príncipes”.

A delimitação de um tema crucial, a seleção de textos densos (e claros) capazes de criar, entre si, uma relação dialógica são elementos constitutivos dessa prova, que se transforma num convite ousado, pertinente e necessário para que o futuro universitário se conscientize de seu papel de cidadão.

